This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Stanford University Libraries
3 6105 120 534 297

STANFORD LIBRARIES

Sociedade de Geographia de Lisboa. Sub-commissão africana.

Relatorio da Sub-commissão africana, encarregada d de dar parecer sobre a memoria do consocio Francisco Martins Swart respeitante á cultura do algodão em C Cabinda.

STANFORD LIBRARIES

HD9087
A56678

THE HOOVER LIBRARY

ON

WAR, REVOLUTION, AND PEACE

STANFORD LIBRARIES

THE HOOVER LIBRARY

ON

WAR, REVOLUTION, AND PEACE

STANFORD LIBRARIES

Sociedade de Geographia de Lisboa, Sub-
"Commissão Africana.

RELATORIO

DA

SUB-COMMISSÃO AFRICANA

Encarregada de dar parecer sobre a memoria do consocio Francisco Martins Swart respeitante á cultura do algodão em Cabinda

LISBOA
Typographia da LIVRARIA FERIN
70—Rua Nova do Almada—74
1902

19087
5.S678

HOOVER
LIBRARY

215784

Sociedade de Geographia de Lisboa

A sub-commissão, á qual foi delegada a hônrosa incumbencia de apreciar a memoria do nosso consocio o Ex.mo Sr. Francisco Martins Swart, respeitante á constituição de uma companhia essencialmente portugueza e destinada a promover a cultura do algodão no Districto do Congo, embora vendo-se prejudicada no seu designio, pela deficiencia de elementos que a habilitassem desde já e por completo o seu encargo, julga-se contudo na obrigação de expôr aos Ex.mos consocios, o seu modesto voto ácerca do assumpto referido.

Tratando-se da iniciativa de uma cultura colonial, assaz desejaria esta sub-commissão poder fundamentar o seu parecer no informe auctorisadissimo do Ex.mo Sr. Dr. Julio Henriques, a quem fôra deliberado consultar-se, como proposéra o Ex.mo Sr. conselheiro Ramada Curto em sessão da Commissão Africana; todavia, essa consulta não pôde ser-nos communicada até agora, e é presumivel que venha a demorar-se, pela razão dos multiplos trabalhos em que está occupado aquelle nosso illustre consocio.

Para ajuizar com todo o rigor scientifico, do exito de uma cultura colonial ainda não existente ou ensaiada sob uma forma regular em dada região, é fundamentalmente necessario conhecer as caracteristicas do clima e a natureza do terreno onde semelhante cultura se tente implantar; succede, porém, que para a região de que se trata nenhum d'esses elementos são conhecidos, nem consta que tenham sido observados com precisão.

Sabe-se apenas, que proximamente pelo Congo, passa a linha isothermica de 20°, e ainda com respeito á temperatura de Cabinda, os elementos mais completos e veridicos a qne podêmos recorrer, são os que obteve o nosso consocio Luiz Bernardino Leitão Xavier,

quando governador do Districto do Congo e por simples curiosidade, mas em condições identicas áquellas em que devem encontrar-se os instrumentos n'um posto meteorologico.

Essas observações consecutivas que abrangem mais de um anno (1898), constam do seguinte resumo:

Temperatura á sombra

Mezes	Maximas absolutas	Minima absoluta	Maxima media	Minima media	Maxima oscillação	Oscillação média	Observações
Janeiro (1898)	28,4	21,3	27,3	22,2	7,1	5,1	Os elementos do mez de agosto regularam em toda a costa occidental, pelas do mez de julho:
Fevereiro »	30,0	21,6	28,3	23,1	8,4	5,2	
Março »	30,7	22,3	29,1	23,8	8,4	5,2	
Abril »	30,9	22,1	29,2	23,8	8,8	6,4	
Maio »	29,5	20,5	27,5	22,3	9,0	5,2	
Junho »	26,9	17,8	25,8	20,0	9,1	5,8	
Julho »	25,2	15,9	23,3	17,2	9,3	6,1	
Agosto »	—	—	—	—	—	—	
Setembro »	26,6	17,6	25,1	20,3	9,0	4,8	
Outubro »	29,4	21,0	26,5	22,0	8,4	4,5	
Novembro (1897)	28,9	21,2	27,7	23,1	7,7	4,6	
Novembro (1898)	29,2	21,1	27,4	22,9	8,1	4,5	
Dezembro (1897)	28,7	21,4	27,6	23,1	7,3	4,5	
Dezembro (1898)	30,5	21,3	27,9	22,7	9,2	5,2	

A maxima temperatura absoluta durante o anno, não excedeu 30°,9 correspondente ao mez de abril e a minima não baixou de 15°,9 no mez de julho.

A maxima oscillação diaria no periodo considerado, foi de 9°,3 observada no mez de julho, regulando a oscillação media, por 5°,3 durante esse tempo.

Quanto ao regimen de chuvas, póde dizer-se que normalmente começam por fins de setembro, augmentando gradualmente de outubro a meiados de dezembro, constituindo a epocha chamada *das pequenas chuvas;* escasseiam e por vezes céssam em janeiro e fevereiro, cahindo copiosas em março, abril e parte de maio, epocha que é denominada *das grandes chuvas.* Ha, por conseguinte, um periodo de quatro a cinco mezes de estiagem, correspondendo a uma estação fresca ou chamada do *cacimbo* em que a humidade relativa attinge um maximo.

Na epocha das grandes chuvas, é bastante elevada a tensão electrica da atmosphera, desencadeando-se fortissimas e incessantes trovoadas.

Em todo o anno, durante o dia, reina a brisa maritima, mais ou menos fresca, conhecida na costa occidental africana pelo nome de viração, soprando proximamente entre NNW e SSW, e com

mais persistencia entre WNW e SW. Durante a noite, sopram as terráes geralmente bonançósos.

Pelo que respeita á geologia da região de Cabinda, tão sómente podêmos formular umas conhecenças muito vágas.

Assim, por exemplo, é sabido que no enclave de Cabinda predominam os terrenos de alluvião argilo-siliciósos, de côr mais ou menos avermelhada, e desagregando-se facilmente, ainda quando inteiramente sêccos, o que denota uma fraca proporção de argila. Ráro será encontrarem-se macissos de rochas de qualquer natureza, e n'um ou n'outro ponto, mas sem frequencia, depáram-se grupos de blócos isolados, dispostos no seio das terras de alluvião e aflorando por vezes do solo. Essa rocha, que embora não abundante, é caracteristica da região de Cabinda, tem grande densidade, fraca consistencia e é de contextura granulosa, com vestigios de crystalisação.

O terreno, em toda essa região, é geralmente muito permeavel, e d'ahi resulta só apparecerem os cursos de agua nos valles principaes de pequeno declive. Sob o ponto de vista da vegetação espontanea, ella é exuberante, quasi florestal, e por conseguinte, encontram-se á superficie do solo, ordinariamente, espessas camadas de humus. Quanto á urographia da zôna considerada, as maximas altitudes não excederão 150 metros.

A situação geographica, que tambem é um elemento para attender em questões d'esta ordem, sendo por demais conhecida, apenas recordarêmos que a latitude de Cabinda é proximamente 5.º 33′ S. Ora, com estes elementos, embora summarios, devemos concluir innegavelmente, que a região de Cabinda se encontra, como nenhuma outra da Provincia de Angola, nas condições mais favoraveis á exploração agricola, em geral. Com effeito — a situação geographica; o regimen de chuvas; a temperatura dominante; a fertilidade manifesta dos terrenos; a relativa salubridade d'essa região; a facilidade de communicações com o porto de Cabinda, considerádo o melhor de toda a costa occidental, para ao norte de Loanda; as communicações regulares com a Metropole; a indole pacifica e industriosa do indigena; o diminuto salario por que elle se presta ao trabalho; o regimen pautal que no Congo, favorece todas as emprezas, seja de que natureza forem; o beneficio da isenção de algumas contribuições que ali ainda não vigoram; a abundancia de madeiras indigenas de excellentes qualidades, prestaveis quer como material de construcção, quer para combustivel — são elementos estes que fazem caracterisar aquella região como preciosamente adquada a constituir uma colonia agricola importante.

Até poderêmos avançar a opinião, de que o enclave de Cabinda, no seu isolamento do mais territorio da Provincia de Angola, prejudicado como se encontra pela acção expansiva cada vez mais intensa, do Estado Independente do Congo e ainda, do Congo francez, sómente pelo recurso da agricultura póde aguardar um futuro de prosperidade e desafogo.

Formuladas estas considerações, teremos finalmente a ponderar:

1.º—A cultura do algodoeiro será benefica para a colonia e para a economia nacional?

2.º—Póde essa cultura effectuar-se vantajosamente n'aquella região, sendo adaptavel e tornando-se remuneradora para o capital que n'ella se empregar?

O primeiro quesito tem resposta segura, porquanto, é notorio que a producção d'aquella materia prima nas colonias portuguezas, libertaria o paiz até certo ponto, dos mercados estrangeiros que annualmente absorvem á economia nacional alguns milhares de contos de réis.

Assim, por exemplo, nos ultimos 5 annos, de 1897 a 1901, a importação na Metropole, do algodão em rama ou caroço e de algodão manufacturado, de proveniencia estrangeira, foi a seguinte:

Annos	Algodão em rama ou caroço		Algodão manufacturado	
	Quantidade em kilos	Valor em réis	Quantidade em k.os	Valor em réis
1897	13.335:597	2.823:941$000	—	2.435:580$000
1898	15.344:334	3.519:628$000	—	2.831:013$000
1899	15.574:833	3.467:484$000	—	3.091:620$000
1900	15.894:484	4.466:132$000	—	2.996:237$000
1901	13.332:737	3.855:178$000	—	3.058:477$000
	73.481:985	18.132:363$000	—	14.412:927$000

Logo, a media annual durante estes cinco annos, para o valor da importação na Metropole, do algodão em rama e manufacturado, será: 6.509:058$000 réis, importancia a que deverá tambem juntar-se, o valor dos tecidos de algodão de proveniencia estrangeira, importados annualmente nas nossas provincias ultramarinas, é que só pelo que se refere á Provincia de Angola, nos annos de 1897, 1898 e 1899, dos quaes se encontram publicadas as estatisticas aduaneiras, foram:

Annos	Valores em réis
1897	808:937$964
1898	796:481$726
1899	1.021:615$302

Entretanto, a importação na Metropole, de algodão em rama ou caroço, proveniente das colonias portuguezas foi nos mesmos annos simplesmente representada pelo seguinte:

Annos	Proveniencia	Quantidades em kilos	Valores em réis
1897	Angola	61:878	16:324$000
1898	Angola	62:308	11:849$000
	Cabo Verde	5:493	500$000
	S. Thomé	853	90$000
1899	Angola	96:879	18:442$000
	Cabo Verde	392	70$000

O segundo quesito, constitue a parte fundamental da questão que nos accupa, e exige uma analyse bem mais detida.

Sabe-se e foi verificado recentemente por alguns dos membros d'esta sub-commissão, que na região de Cabinda (como de resto, em quasi toda a Provincia de Angola) existem em quantidade, de permeio com a vegetação expontanea, plantas de algodoeiros, cujas variedades não consta que fossem alli estudadas por individuo com auctoridade scientifica competente, mas devendo talvez ser algumas das referidas pelo Dr. Frederico Welwitsch nos seus relatorios sobre a flora de Angola, isto é, o *gossypium vitifolium* e o *gossypium punctatum*.

Referiremos ate, que entre os productos coloniaes oriundos da região de Cabinda, e que foram enviados á ultima exposição universal de Paris, figuráram amostras de algodão, cujo aspecto era bom, e que foi colhido de plantas indigenas.

A existencia d'essas plantas no estado inculto e por assim dizer sub-expontaneo, parece indicar certa capacidade que Welwitsch já assignalára para quasi toda a provincia de Angola.

Em esclarecimento d'esta asserção, virá a proposito o transcrevermos alguns periodos do relotorio que este illustre botanico enviou ao Ministerio da Marinha e Ultramar, em 5 de Outubro de 1861.

«Em respeito á propriedade e aptidão do solo tropico-africano para a cultura de algodão, tenho que lembrar que esta questão já se acha decidida affirmativamente ha mais de meio seculo, pelo facto de não haver em toda a Provincia de Angola um unico Districto em que os indigenas deixassem de cultivar maior ou menor porção de algodão, ora sómente para uso domestico, ora tambem para commercio.

Tambem os colonos europeus de Angola nunca se descuidaram de todo, da cultura do algodão, e é notorio que no decurso d'estes ultimos dez annos, varios proprietarios de terrenos se tem dedicado a esta cultura com resultados bastante satisfatorios, de maneira que nos annos proximos passados, já foram exportados para Lisboa alguns milhares de arrobas de algodão angolense,

cuja excellente qualidade foi geralmente reconhecida por varios e competentes fabricantes em Portugal Prança e Inglaterra.

A estes dados, já de per si assaz concludentes em relação á *notavel capacidade das terras de Angola para a producção de algodão,* se póde acrescentar que a cultura e applicação d'estes preciosos filamentos, já desde remotos tempos era conhecida dos indigenas da Africa austro-tropical.

Se os factos que acabo de apontar, attestam a grande antiguidade da cultura e applicação gossypina entre a aborigenes da Africa portugueza, não faltam outros não menos concludentes, para comprovar *a completa idoneidade e aptidão das referidas terras, para as culturas em questão.* Já mencionei as excellentes qualidades de varios tecidos fabricados pelos indigenas, de algodão cultivado por elles; mas esta cultura do gentio, notoriamente só consiste em semear e colher; pois a semente é lançada na terra, sem observancia nenhuma de preceitos agricolas, ficando unicamente entregue á fertilidade do solo e á bonança do clima; e só quando os algodoeiros principiam a enfeitar-se com seus densos penachos de alvissimo algodão, é que volta outra vez o preto á colheita, a qual, apezar do abandono em que se desenvolveram as plantas, quasi sempre se mostra abundante. Quanto maior não seria a producção, quanto mais valioso não deveria tornar-se o producto, se as respectivas plantações fossem creadas e tratadas com arte e com os cuidados que costumam prodigalisar-lhes em outros paizes, nas terras actualmente reputadas classicas da cultura gossypina?

Entre todos os generos de cultura recentemente introduzidas ou desde mais tempo existentes em Angola, reconheci no algodoeiro, *um d'aquelles que menos dependem da condição do solo e da elevação dos terrenos,* pois tanto nas campinas arenosas e de alluvião da região litoral, e nas terras argilosas e marnentas da região collina, como no solo pingue das varzeas e mattas derrubadas, e não menos nas encostas da região elevada cobertas de decomposições, já de granito ou gneiss, já de mica-schisto, de trapp ou de schisto arenaceo, encontrei os algodoeiros desenvolvidos quasi com a mesma força de vegetação e com igual prodigalidade de fructificação, uma vez que os terrenos respectivos não eram destituidos de toda a fresquidão, convenientemente preparados e um tanto abrigados dos ventos reinantes da estação invernosa, a qual na Africa austro-tropical e por conseguinte tambem em Angola, não é a epocha das chuvas como erroneamente muitos acreditam, mas sim a estação mais secca de todo o anno.

Estas experiencias comprovativas *da singular idoneidade do solo angolense para as culturas gossypinas,* não se limitam sómente ás especies de algodão até agora mais geralmente cultivadas em Angola, como por exemplo: o «gossypium vitifolium» e o «gossypium punctatum», mas estende-se igualmente ás variedades ahi recentemente introduzidas de varios pontos dos Estados Unidos; pois as sementeiras de algodão da Luiziana (chamada Buena Vista) feitas com sementes americanas, de cuja distribuição o governo de Sua Magestade me encarregou quando viajei nos distri-

ctos de Golungo Alto, Cazengo e Ambaca, deram para a grande satisfação dos lavradores d'aquelles districtos, logo no primeiro anno, os mais animadores resultados, como isso consta das amostras de bello algodão luiziano que remetti do districto do Golungo Alto ao conselho ultramarino, em setembro de 1856.

Como outra consideravel vantagem que offerece o territorio angolense aos lavradores de algodão, deve ser lembrado que os algodaes, na maior parte dos sitios não precisam de irregações artificiaes, circumstancia que simplifica e torna muito mais economico o grangeio d'elles; n'aquella zona equinocial, acham-se as estações do anno de tal modo distribuidas que as chuvas da primavera, continuadas ou por vezes interrompidas, até o outono, provocam e promovem poderosamente a vegetação, o desenvolvimento dos algodoeiros, emquanto a subsequente estação secca do inverno se torna mui propria e favoravel á fructificação e colheita dos algodões; e effectivamente, encontrei durante as minhas digressões em Angola, não poucas plantações de algodão em pequena e maior escala, tanto no interior da provincia como nos districtos de Loanda e Mossamedes, que sem terem jámais recebido rega artificial, todavia se acham no mais florescente estado, resultado este tanto mais para admirar, por bem sabido que a maior parte dos lavradores d'esta parte da Africa tropical, até agora ainda não se lembraram de estrumar ou adubar as respectivas terras, nem mesmo dedicar-lhes a attenção e o zêlo com que se alcançam tamanhos resultados, em paizes menos favorecidos pelo clima.

Finalmente, não posso deixar de accrescentar que todas aquellas castas de algodoeiro que nos Estados Unidos, na Argelia, China e paizes analogos exigem um tratamento como plantas annuaes, em Angola, logo no primeiro anno se tornam arbustivas, dispensando assim a annual repetição do grangeio das terras e as repetidas semeaduras, operações que, como é notorio, absorvem consideraveis capitaes.

Ponderando, portanto, todas as circumstancias acima apontadas, parece-me ficar evidente *que o solo e o clima angolense são eminentemente favoraveis á producção gossypina*, e pode asseverar-se sem exageração, que toda a vasta provincia de Angola, quasi que foi fadada pela providencia para se transformar n'um illimitado campo d'esta vastissima cultura.»

Este relatorio do Dr. Welwitsch, que acabamos de extractar, póde quasi dizer-se, o melhor esclarecimento que se conseguirá obter desde já, para o assumpto que nos occupa.

Recorrendo, porém, a uma outra auctoridade, citaremos ainda varias indicações respeitantes á cultura do algodoeiro, e que o Ex.mo Sr. Dr. Julio Henriques, publicou na Revista Portugueza Colonial e Maritima.

—«As especies *gossypium herbaceam* e *gossipium barbadense* só produzem bem nas regiões cuja temperatura media esteja comprehendida entre 20 e 30 graos.

O *gossypium arboreum*, póde ser cultivado em localidades nas quaes a temperatura minima hibernal não desça de 10°, e a temperatura media estival seja pelo menos de 25°.

A proximidade do mar, é muito favoravel á cultura do algodoeiro. O melhor algodão (Sea Island) não póde ser produzido longe das costas maritimas.

O algodoeiro acommoda-se a terrenos de natureza bastante diversa, contudo prefere os terrenos de alluvião, ricos em humus.

Alem das variedades conhecidas, outras novas especies serão talvez descobertas nas regiões pouco exploradas.

Ainda ha pouco, os jornaes horticolas deram a noticia de uma variedade de algodoeiro de magnifico aspecto, encontrada nas proximidades de uma povoação da região do Congo, e que sendo cultivada na Georgia, produziu melhor de que todas as variedades ali cultivadas.»—

Abundam os estudos sobre a cultura do algodoeiro nas suas multiplas variedades, mas parece-nos ocioso invocal-os e proceder á sua analyse, para concluir que o algodoeiro, cuja exploração se tem largamente propagado nos paizes mais diversos, sendo pouco exigente na sua cultura, segundo tambem assignalou o Dr. Welwitsch, e prosperando em regiões ainda menos favoraveis que as do Congo Portuguez, como sejam algumas dos Estados Unidos da America, embora afamadas pela sua producção algodoeira, é fora de duvida que essa planta se adaptará na região de Cabinda, principalmente se os praticos de tal cultura indicarem quaes as variedades que devam merecer preferencia, em vista das circumstancias locaes já referidas.

Entretanto, como a monocultura é sempre condemnavel, por melhores que sejam as condições de exploração, outras culturas devem exercer-se conjunctamente.

Em conclusão—O projecto do nosso consocio o Ex.mo Sr. Francisco Martins Swart, na sua ideia geral e abstrahindo os detalhes, parece-nos exequivel, remunerador, benefico para a economia nacional e de alta importancia para o desenvolvimento da colonia, quando semelhante iniciativa seja levada á pratica por uma forma sensata e cautelosa.

Lisboa, 14 de junho de 1902.

Henrique Augusto Dias de Carvalho
Augusto Cesar de Oliveira Gomes
Luiz Bernardino Leitão Xavier
Antonio Alfredo Ferreira de Carvalho
Henrique Quirino da Fonseca, relator.

Gaylord
PAMPHLET BINDER
Syracuse, N. Y.
Stockton, Calif.

STANFORD LIBRARIES
To avoid fine, this book should be returned on
or before the date last stamped below

12M-9-56—6381

215784